

Banco Instituição já reservou US\$ 1,5 bi devido à infração da norma de antilavagem de dinheiro

Multa força HSBC a elevar provisão

Steve Slater e Matt Scuffham
Reuters

Uma multa imposta pelos Estados Unidos por infração da norma de antilavagem de dinheiro poderá custar ao HSBC significativamente mais do que US\$ 1,5 bilhão, e deverá levar à formalização de acusações de natureza penal, informou ontem a instituição financeira, o maior banco europeu.

O HSBC declarou que a investigação americana prejudicou a reputação do banco e obrigou-o a fazer uma provisão adicional de US\$ 800 milhões para cobrir a multa potencial por descumprimento dos controles de antilavagem de dinheiro do México. O valor se soma à provisão de US\$ 700 milhões feita em julho.

“Pode ser significativamente maior”, disse o principal executivo do banco, Stuart Gulliver, à imprensa em teleconferência. Ele informou que essa última provisão se baseou em discussões com as várias autoridades americanas envolvidas na investigação.

O momento da pactuação de um possível acordo está nas mãos das autoridades reguladoras e deverá envolver acusações corporativas penais e cíveis, disse o banco.

Relatório do Senado dos EUA divulgado em julho criticou o HSBC por permitir que clientes transferissem recursos potencialmente ilícitos de países como México, Irã, Ilhas Cayman, Arábia Saudita e Síria. O HSBC tinha advertido poucos meses antes que poderia enfrentar acusações criminais ou cíveis como parte da investigação.

O banco, sediado em Londres, disse que a questão era “vergo-



Gulliver, do HSBC: possibilidade de mais fechamento de vagas até 2013

nhosa e constrangedora”, após o relatório ter criticado a cultura “impregnantemente poluída” do banco e ter dito que a divisão mexicana do HSBC tinha transferido US\$ 7 bilhões para a divisão americana entre 2007 e 2008.

“O relatório, sem dúvida nenhuma, causou considerável prejuízo à reputação do HSBC. Em que grau isso resultou em perda de negócios é algo difícil de medir, mas o documento, seguramente, lesou nossa marca”, disse Gulliver. Ele disse que muitos funcionários deixaram a empresa em decorrência da investigação e que vários deles sofreram reapropriação de valores pagos a título de remuneração.

“A reserva por conta de lavagem de dinheiro é uma preocupação, principalmente em vista da incerteza sobre qual será o valor final”, disse Richard Hunter, diretor de ações da corretora Hargreaves Lansdown.

O problema representa um golpe a mais para a reputação dos bancos britânicos, após o concorrente Barclays ter recebido, em junho, multa de US\$ 450 milhões, acusado de manipular a taxa interbancária Libor, e o setor ter tido de fazer uma reserva de mais de 12 bilhões de libras esterlinas para indenizar clientes britânicos por venda enganosa de produtos ligados à área de seguros.

Gulliver disse que o saneamento dessa confusão exigirá algum tempo.

“Há toda uma série de coisas que entrou, provavelmente de uma década, no período de 2000 a 2008-09, que veio à superfície agora e que o setor precisa destrinchar, sanar e assegurar que não volte a ocorrer.”

“Vai levar um certo tempo para sanar o sistema e, depois, um período ainda maior para restabelecer mais plenamente a confiança”, disse ainda Gulliver, acrescentando ser sua função reconduzir o HSBC à posição “em que é encarado como o melhor do grupo”.

O presidente do conselho de administração do HSBC, Douglas Flint, se apresentaria ainda ontem perante os parlamentares britânicos que investigam a cultura e os padrões do banco. Previa-se que ele seria interrogado juntamente com o novo principal executivo do Barclays, Antony Jenkins, e a diretora do Santander britânico, Ana Botín.

O HSBC registrou um lucro ajustado — desconto do impacto de alienações e de mudanças no valor de sua dívida própria — de US\$ 5 bilhões no terceiro trimestre, valor bem superior ao total corrigido de US\$ 2,2 bilhões do mesmo período do ano passado.

A instituição foi ajudada pela queda superior à prevista dos prejuízos decorrentes de dívidas não quitadas e pelo desempenho sólido de seu braço de banco de investimentos.

As despesas operacionais subiram 16% durante o trimestre, comparativamente ao mesmo trimestre de 2011, devido ao aumento dos custos com confort-

midade e de natureza regulatória, que, segundo o banco, totalizaram de US\$ 200 milhões a US\$ 300 milhões.

Gulliver já cumpriu boa parte do plano de reestruturação de três anos destinado a enxugar o banco e disse prever ultrapassar sua meta de reduzir os custos anuais em aproximadamente US\$ 3,5 bilhões, após já ter promovido uma economia de US\$ 3,1 bilhões.

O HSBC assumiu ainda mais um encargo de US\$ 357 milhões por venda enganosa de seguros de proteção a pagamentos no Reino Unido, o que eleva o total do valor posto em reserva para US\$ 2,1 bilhões. O banco disse ter pago US\$ 1 bilhão em indenizações.

Gulliver disse que provavelmente haverá fechamento de novos postos de trabalho antes do fim de 2013 por parte do banco. A instituição, cujas origens remontam a 1.865 como concessora de financiamento do comércio entre a Europa e a Ásia, opera em 84 países.

O HSBC extinguiu quase 30 mil vagas nos últimos dois anos — total próximo ao que Gulliver tinha previsto em seu programa de reformulação —, embora cerca de 50% delas tenham se devido a alienações. “Em termos de redução orgânica, ainda há certas coisas por fazer”, afirmou o executivo.

A instituição já vendeu ou fechou 41 divisões como parte desse plano, incluindo a venda de seu braço americano de cartão de crédito e metade de suas agências nos Estados Unidos e disse que tinha chegado a cumprir 75% desse plano.

(Colaborou Sarah White)

BR Partners atrai novo sócio para tesouraria

Talita Moreira e Carolina Mandl
De São Paulo

Em meio aos preparativos para lançar seu banco de investimentos, a BR Partners atraiu um novo sócio para dar fôlego à operação financeira. Jose Flavio Ramos, que nos últimos quatro anos administrou a fortuna da família Safra, vai cuidar da tesouraria da instituição.

Ramos terá uma dupla missão. Além de gerenciar os recursos do banco, que nasce com capital de R\$ 120 milhões, o objetivo é que a tesouraria gere “inteligência” sobre produtos financeiros para outras áreas da instituição.

“A tesouraria não é um fim, é um meio”, afirma Ramos em sua primeira entrevista desde que se juntou aos sócios da BR Partners, há três semanas. Segundo ele, a ideia é administrar o capital para que a área gere ganhos com estabilidade, sem grandes sobressaltos.

A experiência de Ramos, que

também é conselheiro da empresa de investimentos imobiliários BR Properties, e a proximidade que já tinha com alguns dos sócios da BR Partners levaram-no a ser chamado para entrar na parceria. Antes de trabalhar para os Safra na Emerald Gestão de Investimentos, esteve à frente da tesouraria do Citibank no Brasil.

Foi lá que Ramos conheceu Ricardo Lacerda, sócio-fundador da BR Partners que dirigiu a área de banco de investimentos do Citibank no país até 2009.

“A vinda do Zé Flavio dá peso à nossa operação de banco”, afirma Andrea Pinheiro, também sócia e diretora da BR Partners. “A ideia é que a tesouraria gere inteligência para nossos clientes.”

Andrea ressalta, no entanto, que a tesouraria trabalhará isolada — até mesmo fisicamente — da gestora de recursos que a BR Partners está montando.

Fundada em 2010 como uma



Naigeborin, Ramos e Andrea, sócios da BR Partners: objetivo da tesouraria é gerar “inteligência” para outras áreas

Partners especializou-se em fazer assessoria financeira a empresas em processos de fusões e aquisições. Procura atuar em poucos negócios, mas sempre com a participação de um dos sócios da companhia.

No ano passado, a BR Partners decidiu se tornar banco para poder coordenar ofertas de ações e oferecer produtos estruturados a seus clientes. Para dar esse passo,

adquiriu o banco Porto Seguro, operação que já foi aprovada pelo Banco Central (BC).

Segundo Renato Naigeborin, sócio e diretor financeiro da BR Partners, a expectativa é que a instituição esteja pronta para funcionar no fim do ano. “Estamos em fase de testes com o BC”, afirma. Depois de receber o sinal verde da autoridade, a BR Partners ainda vai passar alguns meses só operando

com recursos próprios. A gestão para terceiros está prevista para começar no fim de março.

Andrea, Naigeborin e Ramos têm passado as últimas semanas debruçados em manuais de produtos e serviços que vão oferecer aos clientes. O objetivo é checar se os textos estão adequados àquilo que pretendem oferecer à clientela quando o banco estiver pronto para operar.

Liquidação do Portus não está no radar, diz Previc

Fernanda Pires
De Santos

A Superintendência Nacional de Previdência Complementar (Previc) não trabalha com a hipó-

tese de liquidação do Portus, o fundo de pensão complementar dos portuários. O Portus atende quase 11 mil pessoas entre ativos, assistidos e pensionistas.

“Não trabalhamos com a hipó-

tese de liquidação. O intuito da intervenção é recuperar o plano de benefícios”, disse a assessoria, sem explicar a estratégia do governo para socorrer o instituto.

Sob intervenção há mais de um ano pela Previc, o Portus tem visto suas reservas minguarem sem uma solução aparente. Em setembro, as reservas conseguiam cobrir 7,5% dos compromissos com os participantes, quase metade da capacidade de agosto de 2011, quando a intervenção foi decretada.

“As reservas, desde a intervenção, sempre representaram pequena parcela do total dos compromissos. Elas não se deterioraram durante a intervenção, esta situação vem desde antes da de-

cretação do regime especial”, disse, em nota, a Previc, ligada ao Ministério da Previdência Social.

A difícil situação do Portus será debatida pelo Senado, em Brasília, no próximo dia 8. A Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa fará uma audiência pública para esmiuçar a condição do instituto, que se diz credor de uma dívida de R\$ 4 bilhões. Sobre o futuro dos participantes caso a liquidação seja decretada, a Previc disse que, como em “qualquer plano de benefícios, o liquidante nomeado, conforme determina a legislação, tem amplos poderes de administração, representação e liquidação, devendo organizar o quadro geral de credores, realizar

o ativo e liquidar o passivo”.

O Portus tem 14 patrocinadoras. Somente a Companhia Docas do Estado de São Paulo (Codesp) e a Companhia Docas do Rio de Janeiro (CDRJ) respondem juntas por 82% das dívidas das patrocinadoras, cujo total é de R\$ 2,8 bilhões, segundo o Dieese. Além desse valor, o Portus é credor de R\$ 1,2 bilhão referente à retirada do patrimônio da extinta Portobrás — estatal que planejava a política portuária brasileira até a década de 1990.

A possibilidade de liquidação do Portus ocorre no momento em que o governo elabora um pacote para o setor portuário que pretende desditar a presença estatal na administração de portos públicos.

UBS define comando de banco após cortes

Dow Jones Newswires

O UBS definiu alguns dos nomes que vão comandar sua remodelada operação de banco de investimento, dias após anunciar uma profunda reestruturação que vai reduzir sensivelmente o tamanho e o risco da área.

Pressionado pela retração no mercado financeiro e por uma série de falhas operacionais, o banco anunciou na semana passada que vai praticamente sair do segmento de renda fixa, passando a se concentrar em renda variável e outros negócios que deem suporte à gestão de fortunas. Como parte da nova estrutura, o banco de investimento será dividido em duas áreas — uma de serviços ao investidor e outra de soluções para o cliente corporativo.

O grupo de serviços ao investidor, que inclui renda variável, câmbio e outras atividades, será comandado por quatro nomes: Mike Stewart será chefe global de renda variável; Chris Vogelgesang e George Athanasopoulos serão os responsáveis globais pelas áreas de câmbio e metais preciosos; Chris Murphy será chefe de taxas e crédito. O anúncio consta de comunicado distribuído ontem pelo UBS a seus funcionários.

Três banqueiros — Steve Cummings, David Soanes e Matthew Grounds — vão conduzir a área de clientes corporativos nas Américas, na Europa e na Ásia, respectivamente. A área, que inclui produtos tradicionais de banco de investimento, representará um terço da receita. A divisão de serviços ao investidor contribuirá com o restante. Rajeev Misra comandará um grupo à parte na gestão de riscos.

Os executivos vão se reportar a Andrea Orcel, antigo executivo da Merrill Lynch contratado neste ano pelo executivo-chefe do UBS, Sergio Ermotti, para liderar o enxugamento nos negócios. O britânico Simon Warshaw, veterano que vinha atuando como um dos chefes do banco de investimento, responderá a Orcel.

Embora esteja desmontando grande parte da área de renda fixa, o UBS poderá subscrever títulos de dívida para empresas e operá-los para auxiliar seus clientes.

Na semana passada, o UBS anunciou o fechamento de 10 mil vagas, numa tentativa de estancar perdas e voltar às suas origens no “private banking”.

Enquanto isso, o UBS aguarda há dois anos a liberação de sua licença para operar como banco múltiplo no Brasil. O processo passou pelo Banco Central (BC) e, agora, depende da assinatura da presidente Dilma Rousseff, segundo reportagem publicada pelo Valor na semana passada. (Colaborou Talita Moreira, de São Paulo)

Curta

Mercado de acesso

A Comissão de Valores Mobiliários (CVM) anunciou ontem a criação de um comitê técnico para discutir as propostas para impulsionar o mercado de acesso no Brasil, informou a diretora Luciana Dias. O grupo vai receber propostas até 14 de dezembro. Será composto pelas entidades que formaram um grupo de trabalho e visitaram sete países que conseguiram viabilizar o segmento — BNDES, CVM, ABDI, Finep e BM&FBovespa — e outros representantes privados do mercado serão convidados. Luciana reforçou que o comitê terá um grupo limitado de participantes e, como as discussões sobre o mercado de acesso estão aquecidas, o desejo é conseguir fechar as propostas até o início do ano que vem. “Sabíamos que antes de fazer qualquer proposta precisávamos de um diagnóstico detalhado dos problemas, para evitar listagem por acidente, incentivos perversos, ou trazer investidores que não estão preparados para o segmento.” (Ana Paula Ragazzi)

O Mercado de Capitais do Brasil acessado em mais de 40 países!

iProspecto
Powered by Power Financial